

POR UMA ESCOLA INTELIGENTE

Por Cassiano Zeferino de Carvalho Neto

É chegada a hora, ensaiada por séculos.
Não mais os muros da prisão intelectual,
Mas a visão de um mundo global,
Ávido por ser reinventado e inovado,
A cada instante.

Ao gestor o cuidado,
Ao educador a realização,
Ao estudante o direito à vida,
À sociedade a oportunidade de ver-se,
E rever-se a si mesma...

A Escola Inteligente
Não é a escola do futuro,
Mas, a escola do presente.
O futuro passa por aqui.

O CONTEXTO HISTÓRICO E SEUS REFLEXOS NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

As concepções político-educacionais têm experimentado crises profundas nas últimas décadas. Amparadas em significativos avanços da Psicologia, Pedagogia, Psicopedagogia, Neurobiologia, Sociologia, Direito e Política, dentre outras ciências recorrentes, as maneiras de conceituar, organizar e promover a educação formal vêm se transformando e exigindo novas respostas a antigos problemas. Centrados nas perspectivas político-institucionais, nas relações sócio-pedagógicas docente-discente, nos ambientes e mídias e nas condições de contorno da própria comunidade em que se constitui e que a constitui, a escola não pode e nem consegue mais permanecer no pedestal de singularidade acadêmica em que um dia se postou.

Assim deslocada de sua posição de instituição guardiã dos saberes seculares, recolocada agora para um mundo que a ressitua como espaço e lugar e destituída de poder *a priori* que gozava desde suas origens a escola colapsou. Na verdade nunca foi preparada para experimentar mudanças paradigmáticas tão profundas e bruscas como a que experimentou em poucas décadas, principalmente desde o final do século XX. Ao longo da história da educação a escola, como instituição formal de ensino, repetidamente veio a reboque das inovações de caráter científico, artístico e tecnológico. Enquanto os saberes epistemológicos avançaram com a velocidade de um jato, a escola mal e mal conseguiu se “atualizar” na velocidade de uma bicicleta a ser pedalada sem parar, pois se não por si só não se manteria em movimento.

Conceber uma escola que venha atender às efetivas demandas de uma sociedade planetária, mas em nível local, rompendo sem cinismo com as próprias barreiras e limitações, requer não só ousadia, mas também novos referenciais tão confiáveis quanto possíveis. Em outras palavras, poderíamos dizer que é essencial *reinventar* a escola, sem que ela perca a sua identidade, pelo contrário, fazendo-a conquistar seus novos espaços e tempos, reconstruindo seu caráter de contemporaneidade. A pedagogia contemporânea busca construir modelos consistentes capazes de responder aos desafios educacionais deste tempo, sabendo de

antemão que serão provisórios, passíveis de aprimoramentos e requintes, críticas e ajustes, melhoria contínua enfim.

Portanto podemos arriscar dizer que estamos diante de uma situação impar na história recente da educação brasileira. Se por um lado muitos clamam por mudanças nem todos podem promovê-las, pelas mais variadas razões. É preciso levar em conta ainda que somente com boas intenções isoladas não se chegará longe, na verdade pouco poderá ser efetivamente feito. As políticas públicas carecem de atitudes responsáveis no sentido de ir além das aparências e das formas, superando as fachadas que querem mostrar serviço, mas que, de fato, muito pouco ou nada contribuem para a construção de novos modelos de educação e de escola. Assim o tempo passa e gerações e gerações de brasileiros se perdem no abismo das aparências disfarçadas de realizações sociais e políticas bem intencionadas.

O QUE PARECE MUITO LONGE PODE ESTAR MAIS PERTO DO QUE SE IMAGINA OU SUPÕE

Consideramos indispensável buscar estabelecer algumas categorias para auxiliar na compreensão dos fenômenos de natureza histórico-social que preponderantemente contribuíram e vem contribuindo de forma intensa a escola obrigando-a a relativizar, de forma aceleradíssima, seu papel secular, suas especialidades e especificidades.

Ainda que carecendo de um aprofundamento impossível de ser aqui detalhado, podemos dizer que a descentralização e a pulverização da informação e sua atual multi-complexidade, alcançando os sujeitos sociais por variados canais como o rádio, a televisão, a internet e as mídias do jornalismo, dentre outros meios, foram e continuam sendo os fatores mais importantes para compreendermos a crise institucional da escola. Certamente outros aspectos de natureza social que passam pela instituição familiar, religiosa, política e mesmo a educacional, têm sofrido mudanças intensas o que acaba por afetar os antigos modelos e padrões escolares: as necessidades são outras, as respostas também.

Assim, mesmo que de um modo não rigoroso, podemos dizer que o acesso à informação que se intensificou nos anos de 1980 para cá, provocou e continua a provocar uma *verdadeira* revolução. A diferença entre uma revolução e uma reforma está, justamente, nos tempos em que cada uma se dá. Enquanto que uma revolução trata de mudanças profundas em tempos curtos, uma reforma pode significar mudanças não tão profundas em tempos longos. Dessa forma se estabelece e permanece a *crise* na Educação: o entorno social à escola caminha no passo revolucionário e a escola no passo das reformas.

Se este quadro de fato puder representar, ainda que de modo aproximativo, o cenário em que hoje vive a escola podemos mais bem compreender o contexto em que estamos inseridos, enquanto responsáveis por políticas públicas e privadas, por gestão e docência ou por discência e entorno escolar. Com isso podemos nos lançar à busca de *soluções* aqui entendidas de forma rigorosa como *tecnologias*. Aliás, vale dizer que há diferenças fundamentais entre tecnologia, técnica e mídia. O primeiro conceito se refere ao *por que*, no sentido de buscar *soluções* a um determinado problema e isto envolve inteligências e criatividade (arte); o segundo trata de *como* as soluções apresentadas podem ser implementadas, interconectando as mídias, isto é o *“que”* responsável pela implementação final do processo. Numa sala de aula tradicional o quadro e as carteiras, juntamente com cadernos, lápis, borracha etc. se constituem em mídias (o que); o modo como se relacionam e interconectam são as técnicas utilizadas (por exemplo, não se colocam as carteiras de modo que os estudantes fiquem de costas para o quadro de giz!) e a tecnologia está oculta, pois representa o conjunto de problemas e suas possíveis respostas aproximativas que foram, ao longo do tempo, precisando ser enfrentados para o que fenômeno educacional e seus processos pudessem se estabelecer.

POR UMA ESCOLA INTELIGENTE

Tendo como referência as considerações feitas até aqui procuramos responder aos problemas centrais da educação básica e superior. A escola deve ser capaz, antes de tudo, de criar um ambiente de acolhimento não só afetivo, mas também em sintonia com a

contemporaneidade da vida social, com todos os desafios e oportunidades que encerra, para além dos discursos vazios e carregados de falso ufanismo. A esta escola chamaremos de Escola Inteligente.

Se para muitos uma Escola Inteligente pode ser um avanço, um alto degrau do ponto de vista tecnológico, para outros representará o presente com sua ambientação para o futuro. Entre tais extremos se inclui um espetacular universo de jovens e adultos que vivem na sociedade do conhecimento, uma sociedade na qual a miscigenação cultural é de natureza complexa, ampla e irrefreável por se sustentar na democratização das tecnologias da informação e comunicação, no âmbito planetário.

Não há mais opção de natureza romântica do tipo “participo, ou não participo da inclusão digital”! De fato, esta questão pode ser alterada: “para existir devo me incluir” e retornamos à necessidade fundamental da espécie humana: “só existo e me constituo homem, na interação com o outro”.

Enquanto interagir representou estar perto fisicamente, as características das relações humanas tinham um determinado protocolo e modo de ocorrer, mas na medida em que “estar próximo” transcendeu a dimensão unicamente física e alcançou a esfera virtual, o contexto passou a mudar e novas configurações foram se estabelecendo. Podemos dizer, com pequena margem de erro, que tanto o mundo, quanto a humanização e as relações sociais por ela responsáveis estão sendo reinventadas a todo instante. O que era circunscrito a um local, ou área física, hoje se converte num espaço cibernético que, literalmente, representa o mundo, ou ainda no conceito de Pierre Levy, na Cibercultura.

Este é um dos principais cenários do cidadão do século XXI. Sua cidadania não deve e nem pode ser mero discurso político, desprovido de significado efetivo. Como dissemos há pouco, não mais se trata de uma escolha ingênua, e sim de uma necessidade tão imperativa ao ser humano quanto o domínio da linguagem, em suas mais diferentes esferas de manifestação. É nesta perspectiva e dimensão que se insere uma Escola Inteligente que se recusa em ser uma

colcha de retalhos pedagógicos, para assumir-se enquanto instituição de seu tempo e do futuro da civilização.

Mas os muros da Escola Inteligente são baixos, ou praticamente inexistem! Não nos referimos aos muros de tijolos e concreto, mas aqueles que podem representar barreiras culturais. Nesta perspectiva a escola está na casa do estudante e do professor, e cada um deles se encontra na escola, a qualquer hora do dia ou da noite, 365 dias e seis horas por ano. A comunidade Escola Inteligente é, portanto, altamente interativa, social-dialógica, crítico-criativa e desenvolve a consciência da cidadania como fator essencial à vida.

Longe da fragmentação, a Escola Inteligente é antes um elo integrador para os sujeitos, na seara de sua trajetória cultural. É fonte de informação e desafio; é partilha, mas é também o obstáculo e o conflito construtivo das personalidades capazes de hoje, para no futuro lidarem com as divergências e adversidades que se apresentarem ao longo da vida.

A escola estratificada, estanque e engessada que pretende transmitir a qualquer custo valores totalmente questionáveis, deve ceder lugar a uma escola flexível, mas não frouxa; intensa, mas não massacrante; provocadora da construção dos saberes e rica em possibilidades pedagógicas, mas sem ostentações inúteis; democrática, mas não demagógica e contemporânea sem perder de vista os horizontes de futuro. Enfim plena, mas sem jamais estar pronta.

Ao educador resgata-se a dimensão da autoria. Por ter à disposição nada menos do que um universo de informações, poderá tanto contar com as bibliotecas da aula inteligente, como ir buscar em qualquer sítio da web a informação documental que possa ser elemento constitutivo para a elaboração de autoria. Em outras palavras, passará o educador a exercer sua dimensão de autor e não mais de mero reproduzidor de conteúdos impostos, por razões discutíveis e nada democráticas. Assim, os potenciais criativos e inovadores dos educadores poderão, neste novo cenário, emergir mais plenamente, trazendo um clima salutar rico, vivo e desafiador, que em última instância propiciará o resgate da identidade responsável, perante os objetos da cultura e do saber, na arte de mediar.

Ao gestor de uma escola inteligente estará reservada a missão de cuidar para que a qualidade total seja um processo com início, avaliação, reinício diário, sem fim.

A Escola Inteligente deve ser o local da descoberta, da criatividade, do poder da emoção, das relações humanas em toda sua plenitude, da revisão crítica da sociedade e do cidadão como construtor inseparável desta mesma sociedade.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

CARVALHO NETO, C. Z. Por onde caminha a Educação? IFCE – Instituto para a Formação Continuada em Educação: São Paulo, 2003.

_____ e MELO M. T. E agora, Professor? (Por uma Pedagogia Vivencial). Obra em multimídia. IFCE – Instituto para a Formação Continuada em Educação: São Paulo, 2004.

CARVALHO NETO, C. Z. Por uma Escola Inteligente. Instituto Galileo Galilei para a Educação (IGGE): São Paulo, 2005.

Na Internet

www.intelligentschool.com.br

www.salainteligente.com.br

www.aulainteligente.com.br

www.ciaedu.com.br/home.htm

www.ifce.com.br

www.igge.org.br

Cassiano Zeferino de Carvalho Neto tem Pós-doutorado em andamento no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA); Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC/UFSC); Mestrado em Educação Científica e Tecnológica (ECT/UFSC); Especialidade em Qualidade na Educação Básica (INEAM/OEA/USA) e Licenciatura em Pedagogia, com complementação em Física (PUCSP). Fundador da Laborciencia Editora, do Instituto para a Formação Continuada em Educação (IFCE) e do Instituto Galileo Galilei para a Educação (IGGE).

Artigo originalmente publicado na Revista Direcional Educador, maio/2006.